



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **RELAÇÕES VIVIDAS NA ESCOLA: A HOMOSSEXUALIDADE SOB O OLHAR DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Janaína de Araújo Silva <sup>1</sup>

Prof.(a). Dr.<sup>a</sup>Alessandra Gomes Brandão (Orientadora)

**Resumo:** Esta pesquisa pretende discutir as percepções dos alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Antônio Bento no município de Serraria acerca da homossexualidade e da criação dessas identidades sexuais dentro da escola. Com o objetivo de fomentar as discussões em torno da educação, sexualidade e gênero no cotidiano escolar. A metodologia utilizada foi com base na pesquisa através de questionário com perguntas de múltipla escolha e abertas para que esses jovens pudessem colocar as suas inquietações e curiosidades sobre o assunto. A análise dos dados observados aponta inicialmente o preconceito camuflado e a falta de informação diante do assunto. Destaca-se, por fim, a necessidade de maior espaço na discussão dos temas corpo, gênero e sexualidade no currículo escolar visando diminuir a discriminação dentro do âmbito escolar e conseqüentemente na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação – Homossexualidade – Gênero

Uma das maiores inquietações atualmente no panorama escolar é enfrentar a violência que cerca o espaço educacional erradicando o preconceito e a intolerância por parte de jovens e adultos que já chegam à escola com uma carga ideológica imbricada de inquietações, curiosidades, medos e práticas cotidianas que delimitam seus espaços com base em regras e normas instituídas por instituições legitimadoras do poder no intuito de docilizar os corpos e os sujeitos.

Alguns dos sujeitos atualmente enfrentam mais ferozmente essa violência tanto física quanto simbólica, através de estereótipos pejorativos, são os homossexuais que a cada momento ganham mais espaço, porém enfrentam mais a intolerância por parte de mecanismos opressores e de sujeitos que instituem e perpetuam determinadas verdades que são vistas como certas e absolutas.

Sendo assim, o trabalho ora proposto visa mapear a percepção de alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Bento, no interior do Estado da Paraíba, no município de Serraria, que fica a aproximadamente 140 Km da capital.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela UEPB. Especialista em História Cultural; Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares;



Durante o decorrer do ano de 2013 ao iniciar os trabalhos pedagógicos nessa escola, chamou-nos atenção a grande quantidade de jovens homossexuais (meninos e meninas) e travestis, nos levando a questionar de que forma estes eram vistos pelos colegas, pelo corpo discente e administrativo da escola.

Esse trabalho não tem intuito de se aprofundar em uma conceitualização da homossexualidade, até porque essas questões são frequentemente ressignificadas atualmente e imbuídas de relações de poder que devem ser abordadas em outras pesquisas para discutir essas posições epistemológicas. Nosso objetivo teórico é promover diante dessa interrogativa o debate no campo da educação em torno das desigualdades de gênero, bem como entender como a sexualidade é pensada e percebida pelos alunos do último ano do ensino fundamental da Escola Estadual Antônio Bento. Escolhemos esse grupo por entendermos que o 9º ano é o fim de um ciclo educacional que leva o alunado a construir um novo ciclo após sua entrada no ensino médio com novas perspectivas, e visões do mundo.

O método utilizado para investigar essas percepções foi à aplicação de questionário, porém, com algumas intervenções realizadas quando os alunos precisavam de esclarecimentos sobre o que se tratava. Algumas vezes esse esclarecimento se estendia, sendo possível perceber a opinião dos mesmos acerca da questão.

Essa perspectiva está apoiada nas ideias de Louro (2001), que nos diz que a escola é um espaço bem difícil para se assumir as identidades sexuais. Mesmo sendo tida como um espaço livre e acolhedor em comparação com outros lugares, ela é permeada de poderes de sociabilidades que vão normatizando os corpos.

A partir das análises de Foucault (1993), Louro (2001; 2004), compreendemos que instituições sociais como escola, igreja, família e Estado produzem discursos que normatizam e constroem percepções acerca de determinados temas, nesse caso da heterossexualidade como norma a ser seguida.

As práticas sexuais que diferem da norma são vistas como pecado, doença, perversão, imoralidade sendo, em geral, analisadas como desvios, problemas, que colocará a família “tradicional” em crise e, como tal, precisa de solução. Uma das soluções encontradas além de tratá-los como desviantes é instituir normas punindo os transgressores. Essas punições variam



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de acordo como o contexto sociocultural do sujeito partindo de agressões simbólicas à violência física.

Partimos também da perspectiva de Louro (2007), que estuda os corpos a quem ela adjetivará de “corpos dóceis”, “corpos educados” e o quanto é difícil na escola os alunos assumirem novas identidades por causa dos preconceitos existentes nos discursos e atitudes de outros alunos e funcionários. Louro, deixa em evidência a sexualidade, a identidade e o gênero como uma construção social, uma vez que, a própria sociedade impõe, consciente e inconscientemente, regras, valores e condutas que constituem-se como o “padrão de normalidade” aceito pela maioria. A obra de Louro ainda fornece subsídios para compreender o ensino da sexualidade no desenrolar do espaço escolar e a denominada Teoria Queer que inicialmente surge nos EUA e na Inglaterra.

Tomaz Tadeu da Silva (2013) analisa através da construção do currículo escolar como esses sujeitos estão inseridos e como o currículo precisa está flexível às novas práticas pedagógicas assumindo um papel de fomentador e de agente enquanto mediador de culturas e poder levando a escola ficar mais perto da comunidade e de seu cotidiano.

Pensar Queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é nesse sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitadora (SILVA, 2013, p.107)

Em meio a essas indagações surge o desejo de alguns estudiosos englobarem uma pedagogia Queer no currículo não com o intuito de fomentar atitudes de respeito à homossexualidade, mais do que isso, estimular a reflexão e o questionamento da sexualidade e como esta deve ser tratada em sala de aula, visando problematizar as categorias definidas historicamente como fixas, únicas e verdadeiras, questionando noções de corpo, sexualidade (feminino x masculino), compreendendo os vários espaços de conhecimento e das identidades sexuais e acabar com esse binarismo. Sendo assim, a Teoria Queer se deterá em demonstrar os silenciamentos, as inquietações, as prisões sociais, a opressão em que vivem os homossexuais.



A criança ao nascer entra numa cadeia disciplinar e de vigilância constante que interdita qualquer tendência que a leve a sair do poder (norma) instituído pelas entidades repressoras.

A escola pratica a pedagogia da sexualidade, disciplinando os corpos. Geralmente de forma imperceptível, mas desde criança a escola se responsabiliza em educar a menina a sentar corretamente com as pernas fechadas, a brincar de boneca ou de brincadeiras não tão agressivas.

Aos meninos é ensinado a andar abruptamente - uma vez que malemolência “é coisa de menina” - a brincar de bola, na areia, de carro e a jogar. Assim vão se construindo espaços e gestos que acreditam serem apropriados para determinados gêneros.

Segundo Louro (2000, p.6)

Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros- feminino e masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade - das formas, de expressar os desejos e prazeres- também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Tomaz Tadeu utilizará o termo Cânon para diagnosticar qual seria o modelo propagado pelo currículo como o certo, o normal e diante do inverso deste “Cânon” é produzido o sujeito que foge a essa normatividade, mas o currículo e a escola só conseguirá atingir a todos a partir da reflexão acerca das “formas pelas quais a diferença é produzida por relações sociais de assimetria”. (SILVA, 2013, p.90).

Ao tratar das relações de gênero, os PCN’s abordam o tema indicando gênero como uma construção sociocultural indicando que as diferenças se sobrepõe a binaridade( homem e mulher), concomitantemente o que pretende a Teoria Queer.

Segundo os PCN’s, Gênero

[...] diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se os de desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção social (PCNs, 2000, p. 321-322)



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A escola na qual realizamos a pesquisa foi a Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Bento, da cidade de Serraria. Inicialmente a ideia era começar uma roda de debates nas aulas de história e após esses encontros tentar estudar o que se pensa sobre o tema. Todavia, achamos mais interessante fazer o processo inverso e mapear o que eles já sabem sobre a temática, suas angústias, inquietações. A escolha do 9º ano se deu diante da perspectiva de que possivelmente boa parte desses jovens estará concluindo uma etapa educacional e enveredando por novos caminhos ou na mesma escola ou ingressando em cursos técnicos, escolas de magistério entre outros segmentos.

O questionário foi composto de duas etapas: a primeira, o aluno informava suas características sociais, tais como: faixa etária, renda familiar, religião, etnia, onde residia e a que gênero pertencia - utilizamos esse termo de acordo com a denominação de Scott (1995) que o entende como categoria analítica um conceito construído culturalmente na tentativa de disciplinar e normatizar os corpos em padrões sociais instituídos pelas instituições que detêm o poder tentando diante dessas características a priori termos uma ideia do espaço sociocultural ao qual esse aluno está inserido.

A segunda parte constou de questões subjetivas e de múltiplas escolhas, que visou mapear a visão dos alunos sobre a homoafetividade, a qual nos deteremos com mais afinco a discutir. O objetivo do trabalho é entender as percepções que esses jovens têm sobre a temática e não interferir na construção de novas identidades... O questionário dispôs de 09 perguntas entre múltiplas escolha e subjetivas. Visando manter o anonimato dos alunos estudados, os mesmos não se identificaram no questionário e serão apresentados sempre a partir de uma letra (Para o aluno A...).

Ao todo foram entregues 45 questionários nas duas turmas do 9º ano (manhã e tarde), contudo, apenas 25 foram respondidos. De partida, esse primeiro resultado nos chama atenção, uma vez que quase 50% dos estudantes participaram da pesquisa. Tendo em vista alguns resultados que aparecem nas respostas dos alunos, essa não adesão pode significar que não se interessaram pela temática, ou acreditavam não ser importante essa discussão. Entretanto, essa lacuna deixada pela falta de respostas desses estudantes nos auxilia na



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

compreensão de que mesmo esse tema estando exposto em mídias, no dia a dia das conversas entre eles mesmos, é algo ainda silenciado.

A faixa etária dos entrevistados está dividida da seguinte forma: 95% possuem entre 12 a 15 anos; 5% são de 16 a 18 anos e nenhum foi indicado como maior de 18 anos. Os alunos pesquisados se distribuem em cinco etnias diferentes, dentre elas, sendo 10% dito pertencer a etnia negra, 70% a parda e 20% sendo branca. Entre os entrevistados, 75 % se declararam pertencendo ao gênero feminino e 25% ao masculino. Residem 90% na zona urbana e os 10% na zona rural. A renda mensal de 55% deles ficou entre um salário mínimo; enquanto os outros 45% até dois salários mínimos. Em relação à religião, 15% pertencem à religião protestante e 85% disseram ser católicos, não tendo outra religião assinalada.

Apresentado o perfil socioeconômico dos nossos entrevistados, passamos a segunda etapa de nossa pesquisa. A primeira questão colocada para os referidos estudantes perguntou: **“O que você entende por homossexualidade?”** A resposta a essa pergunta, de imediato, nos causou muita surpresa, uma vez que cerca de 60% dos estudantes vinham nos perguntar o que significava o termo “homossexualidade”. Ao explicarmos isso, os alunos rapidamente diziam “Ah! veado?” ou “ Ah entendi é bicha, vixe”.

Essa reação, por si, já nos aponta para a realidade vivenciada por eles que estão acostumados a ouvir esses tratamentos pejorativos, sem identificar o nome correto, mas recorrendo a apelidos criados pela sociedade heteronormativa, com o intuito de discriminar, inclusive, através do termo de identificação do sujeito.

Dos 25 alunos que responderam essa primeira questão, 13 disseram não entender nada, ou não saber o que significa, entretanto, quando observamos nas questões posteriores 7 dos que disseram não saber do que significa, responderam as demais questões que complementavam o pensamento da primeira. Essa suposta “ignorância” sobre o termo é como se o jovem dissesse que isso não o diz respeito, pois não o representa.

O estudante A respondeu colocando a vergonha que sente por essa prática existir: “Para mim é uma pouca vergonha, Deus criou o homem para a mulher, ai vem o Diabo de duas pessoas do mesmo sexo namorando, isso para mim não era para inxiste isso agente se envergonha imagine Deus.” [sic]

Percebe-se através da fala da jovem que esta utiliza do discurso religioso para mostrar que a prática homossexual é “errada”, “não é natural”. Contudo, como vimos na discussão inicial deste trabalho a própria noção de natural é uma criação cultural imposta aos sujeitos pelas instituições reguladoras- Igreja, Estado, justiça, escola- tentando regimentar os corpos.

O discurso religioso sempre foi muito propagado na intenção de regular os corpos segundo o que “Deus” acharia correto. E o medo do castigo vindo dos céus sempre encheu de temor algumas pessoas muitas dessas durante muito tempo ficaram com sua sexualidade trancafiada sobre as amarras desses discursos.

Na maioria das vezes, o que os alunos sabem sobre homossexualidade parte de reproduções de ideia de padrões sociais nos quais eles vivem que tende a fabricar sujeitos que reproduzem essas ideias.

A segunda pergunta, **O que você acha de casais homossexuais andando de mãos dadas ou se beijando em locais públicos?** Cinco dos 25 alunos responderam achar a prática normal, sem muitas delongas, apenas identificaram como “normal”. O aluno C colocou que era “nojento”, “sacanagem”, enquanto outros dois disseram que era algo “ridículo”, acrescentando ainda que “ridículo, porque se um casal masculino e feminino já beijam nas ruas é meio estranho imagina o homem com homem” [sic]. Esse é um discurso que permeia ainda hoje, mas que surgiu em meados do século XIX onde as instituições começam a mediar os espaços em público e privado e dando novos sentidos a eles e o que convêm ou não nesses espaços.

A terceira **O que você acha do casamento Gay?** Alguns disseram “ter repulsa só em pensar”, “algo estranho, mas que já tá virando normal na sociedade”, é como se eles dissessem “não há mais o que fazer agora é só observar”, cinco dos alunos responderam utilizando o discurso religioso para justificar a prática como “errada”, “nada contra mais se Jesus fez homem é pra ser homem e pronto. Mais cada um tem sua vontade” [sic], outros são mais enfáticos “acho errado”, “bem, não é muito comum”, “uma coisa muito feia”, “não tenho muito nada contra se ela serão felizes assim , mas é estranho essas escolhas que são fora do comum”[sic]. O estudante D complementa dizendo que “quem tá colocando essa lei no mundo é mais safado do que eles que esta casando isso não era mesmo pra existe”[sic].



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A quarta questão perguntava: **Você já presenciou algum tipo de discriminação acerca da sexualidade com outros colegas seus?** Nove alunos disseram não perceber nenhum tipo de discriminação ou presenciado algo, todavia, onze outros estudantes disseram ter ouvido xingamentos como “boiola”, “veado”, “bicha”, “baitola”, “safado”, “nojento. Outro estudante identificado aqui como E, descreveu ter presenciado algum tipo de discriminação afirmando que “Vi sim! Levando empurrão, tapa e é muito humilhado é porque ele chega detrás dos meninos e dar um beijo os meninos começam a bater nele.” [sic]

Ou seja, essa afirmação demonstra que são corriqueiros os xingamentos, chegando a momentos de violência física ao oferecer pontapés e tapas. Todavia, a violência simbólica é a que mais acontece na maioria das vezes, porém, passa despercebida por aquele que a comandam, mas que fere e interfere na identidade do Outro que está sendo submetido aos maus tratos.

Uma das questões que mais nos interessou foi a seguinte: **Já tiveram alguma aula que abordasse o tema? E de que forma os alunos ficaram enquanto era exposto o assunto?** Todos foram unânimes (os 25 questionários entregues) ao responder que não tiveram aula sobre o assunto, inclusive, um estudante expôs que talvez a dificuldade em responder tais questões seja por esse motivo: Nenhum professor falou disso não, o professor de biologia é que começou a falar sobre sexo, mas mostrando os órgãos sexuais de cada um, e doenças que a gente pode pegar se transar sem camisinha só! [sic].

O professor como mediador precisa questionar esses discursos heteronormativos, que são percebidos como verdades absolutas desconstruindo as evidências, subvertendo as verdades ditas e vistas como irrefutáveis para que o aluno possa problematizar “as formas como chegamos a conhecer determinadas coisas e a não conhecer (ou desconhecer/outras)”.

Ainda tentando abordar a questão diante da realidade do aluno dentro da escola, fizemos a seguinte pergunta: **Se na sua escola fosse permitido o namoro entre pessoas do mesmo gênero, como você reagiria à cena?** Dentre os 25 que devolveram o questionário respondido, apenas 3 disseram que reagiria de forma normal, os alunos A, F, G e E utilizaram as palavras “horrível”, “ridículo”, “feio”, “estranho”, “esquisito”, “falta de respeito”, “algo errado” , “chato e constrangedor”. Um desses estudantes citou que “se fosse permitido o



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

diretor tinha que tomar uma atitude sobre isso. Porque ia ser muito feio e a escola ia ser mal vista pelos pais dos alunos.[sic].

Esse aluno, através do seu argumento para explicar a questão, termina por indicar o que os pais esperam da escola, já que não aceitariam e não gostariam de ver seus filhos dentro de uma escola que permite essa prática.

Na questão 7, **os alunos deveriam marcar se tinha algum amigo ou parente homossexual, travesti ou transexual.** Dos vinte e cinco estudantes que responderam, 5 informaram não ter nenhum amigo nem parente homossexual; 10 responderam ter um amigo ou amiga homossexual; 3 possuem um amigo ou amiga transexual ou travesti; 4 possuem um parente homossexual; 3 possuem um parente transexual ou travesti.

Após compararmos as respostas dos mesmos alunos que diziam ter algum parente ou amigo homossexual com suas respectivas respostas anteriores, percebemos uma conotação mais branda dada por estes as questões, de maneira mais aberta, agradável, como se fosse mais fácil entender o posicionamento desses sujeitos por estes participarem da sua vivência, do seu cotidiano observando seus desejos, suas inquietações, suas limitações, seus medos suas angústias por terem que se esconder e não poder admitir o seu desejo sexual diferente do paradigma normativo. Posição bem diferente assumida pelos alunos que alegaram não possuir nenhum amigo ou parente homossexual, esses transpareceram em suas respostas um misto de indignação, raiva, aversão pela prática sexual assumida por esses jovens.

A oitava pergunta questionou: **“Você já presenciou alguma situação de discriminação relativa à orientação sexual na escola envolvendo diretor, funcionários, pais de alunos, professores ou os próprios colegas?”** Oito estudantes colocaram como nunca presenciaram situação de discriminação por ninguém; onze alunos disseram ter percebido discriminação sobre a questão de orientação sexual pelos próprios colegas ao adjetivar os adolescentes de “bichas”, “veados”, “boiolas” entre outros. E seis desses assinalaram que também já observaram esse tipo de preconceito vindo através de discursos e olhares provenientes de professores, funcionários da escola e pais de alunos.

Buscando provocar ainda mais sobre esse tema, fizemos outra pergunta: **Como você reagiria ao presenciar uma situação de discriminação vivida pelo seu colega?** Dezessete,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

dos vinte e cinco alunos que entregaram o questionário disseram que não se envolveriam no caso. Apenas oito afirmaram que comunicariam a direção da escola para que esta chamasse os envolvidos para resolverem a situação ou ao professor que estivesse em sala de aula no momento.

Perguntamos ainda **E se o autor da discriminação fosse um professor ou funcionário da escola como você agiria ao ver um ato discriminatório?** Levar o caso a direção foi citado por nove alunos, um comentou que falaria ao Conselho Regional de Educação, enquanto que quinze comentaram que não se envolveriam no caso, pois o profissional deveria saber o que estava fazendo.

A última questão explana a ideia de como é representada a homossexualidade pela sociedade. A questão era: **Durante muito tempo pensou-se que a homossexualidade era uma doença, haja vista algumas crianças desde cedo demonstrar trejeitos. Alguns pensam que a influência da mídia e amigos vai interferir na construção de sua nova identidade, outros acreditam ser um desvio de caráter e personalidade. Qual a sua opinião sobre isso?** Justifique. Quinze alunos responderam que não faziam ideia do que poderia ser um dos motivos ou não entenderam a pergunta. Três disseram ser biológico, pois “*oxe, você vê desde pequeno o menino todo mole vei, já uma bicha toda*”.

Outro colega encontra um “culpado” para justificar o grande fluxo de jovens homossexuais na escola: *Eu acho que eles são assim porque influenciados pelos amigos, e também por nois contar nada de sua vida aus pais e também a mídi ensina os meninos que já tem o jeito, se declarar logo ou seja sai do armário.[sic]*

O aluno em evidência, assim como cinco dos seus colegas, elencam três possíveis culpados: os amigos, a família e a mídia. Os amigos que através dos seus discursos influenciam os mesmos, mostrando que o jovem tem que ser feliz de qualquer jeito e de qualquer maneira. A família que na sociedade globalizada cada vez mais individualista e ágil não permite aos pais uma maior interatividade para conversar com os filhos, tirar dúvidas, ouvir, aconselhar ou apoiar. A mídia, que segundo os jovens, manifesta o desejo de que aquele que sofre por não ser aceito ou por ser chamado de “diferente” que se assuma, ou seja,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

saia do “armário”, para viver sua vida conforme sua ideologia e não segundo as regras ditadas pela sociedade heteronormativa.

As perspectivas que os alunos possuem sobre homossexualidade dependem muito das influências que adquirem na família, na religião e em seu círculo social. Por isso a necessidade de indagar, confrontar seu dia a dia, suas vivências, suas inquietudes, pois é a partir do olhar do seu espaço que será possível diagnosticar como é criado e de que forma os dispositivos normativos e reguladores que ditam o que é certo ou errado é imposto a todos sem questionamentos e problematizações.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação sexual. Brasília: MEC,1997.

BRITZMAN, Debora. **O que é essa coisa chamada amor- identidade homossexual, educação e currículo**. Educação e Realidade. Vol.21 (1), jan./jul.1996.

CAVALCANTI, Roberta Ferreira et DINIS, Nilson Fernandes. **Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia**. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. **A História da sexualidade**. V.1. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal,1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências**. Revista Contemporânea de Sociologia da UFSCAR, São Carlos, v. 2, n.2 jul-dez 2012, p.363-369.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho:** Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. (org.). **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Ana R. e MOÇO, Anderson. **O assunto é sexo.** E é sério. Nova Escola. XVIII (214),Ago.2008.38-46.

NAVARRO, Tania Swain. **As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômade.** Labrys. Estudos feministas. V.1-2,jan/dez.2002.

REIS, Aparecido Francisco. **Homofobia e sexualidade: a agressividade do “palavrão” como forma de manifestação do bullying no ambiente escolar.** Interfaces da Educação. Parnaíba. V.5, n.13, p.194-207,2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.